

St. Candido & Washam
Rua do Guastel, 34
Capital



ANNO I → → → NUM. 1

A FLECHA



✦ Dará duas flechada cada mez ✦

*** São Paulo, 24 de Fevereiro de 1902 ***

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua do Theatro, 18.

ASSIGNATURA

Por anno. \$5000

As nossas columnas são francas para qualquer collaborador, não se responsabilizando a redacção, pela publicação e nem devolvendo originaes.

competentes para os abusos que nos cheguem aos ouvidos.

Por enquanto... somos os campeões da pilheria.

Livros escolares de diversos auctores. Romances illustrados, poesias, modinhas, etc. Attende a pedidos do interior, podendo fornecer por atacado, com grandes abatimentos. Livraria de Oscar Monteiro, rua João Alfredo, 2-C.

Os *Arautos do Averno*, embora uma sociedade organizada em poucos dias, fez jús aos nossos applausos.

Os *Democraticos* conservaram-se na altura secundaria que sempre tiveram em todos os carnavaes.

Os *Fenianos Infantis*, esses excederam toda a expectativa, tudo o que dellas se esperava, e as aclamações que receberam em as ruas que percorreram são a prova disso.

E é preciso notar: que era um bando de moços, ainda imberbes, verdadeiros *infantis*, quem assim se apresentava ao publico da Paulicéa, com uns carros que nada deixaram a desejar.

Tivemos tambem os *Fenianos* que, como sempre, receberam a corôa da victoria.

Encontra o *Estado* um carro mais symbolico e rico que o primeiro em homenagem a Rodrigues Alves? Ah já sabemos: não engrossava a panelinha da casa... desculpe. Nem sempre a corrente... popular é firme.

Emfim, o *Estado* achou tudo assim... e nós só temos louvores e palmas a tecer ao dr. Chefe de Policia, pelo modo com que dirigiu a ordem publica, e ás dignas sociedades carnavalescas, que souberam dignamente fazer reviver no nosso povo a lembrança dos bons tempos de outr'ora.

— *A Semana*, um orgam qualquer que appareceu ha poucos dias, trazendo-nos logo no primeiro numero umas *vareirinhas* de Ovre e um vendedor de camarão daqui, declara no seu segundo numero, que houve *uns garotos* que venderam seu jornal a 500 réis.

Podemos garantir ao collega que essa informação não deixou

Flechadas

A *Flor* sem cheiro, de Rio Claro, publicou entre alguns escriptos como o tal *Coisa da Epoca*... sem graça e geito, uma carta qualquer, de um *Infadado*, idem, que podia ser fadado para tudo, menos para imitar o portuguez mais labrego de Portugal.

O tal *seu infadado* mal fadado, devia ir primeiro estudar os portuguezes, para depois imitar-lhes o *patuá*, ou a linguagem viciada. Talvez o mais ignorante portuguez do Rio Claro, falle melhor que o auctor da tal carta...

O *Estado de São Paulo*, em uma lamuria desconchavada e triste, diz que o carnaval *foi regular* (á laia de noticia de espectáculo) mas que não notou aquelle entusiasmo de outros tempos (?)

Que diabo quereria o illustre collega, com o cambio a 11 e a crise do café? Carros enfeitados a ouro, e pilhas de nickeis, sobre as quaes se encontrasse o invicto collega? E' impossivel! E o collega imagine por si.

Além de que o Carnaval esteve superior a todos os que se teem apresentados ha seis annos atraz.



A FLECHA

Rápida como a setta de Cupido, vda *A Flecha*, em busca da arena do jornalismo da Paulicéa.

Dirigida por um grupo de rapazes despreoccupados do futuro, alheios ás macaquices de *lord Cambio*, e inimigos figadaes da lamuria constante e importuna da *falta de dinheiro*, *A Flecha* terá como alvo os beocios que gostam de apparentar de qualquer coisa, e será certa, ironicamente certa nos golpes que desferir.

Eis ahi em pequenos dizeres tão pequenos o quanto permite o espaço destas columnas, o simples programma da nossa folha.

Lá de vez em quando, quando o *spleen* nos amorfanhar o espirito, deitaremos então o verbo, combataremos em pról das idéas sans, combateremos os germens nocivos á sociedade, e chamaremos a attenção das auctoridades

de ser um *conto do vigário* passado honradamente pelos taes *garotões*, pois aqui está de muito boa saude quem comprou o 1.º numero d' *A Semana* illustre a 100 réis no largo do Rosario, apesar dos 300 terriveis do cabeçalho. Acautelle se, collega, olhe os garotos...

CONSELHO A'S DONZELLAS

(MONOLOGO)

Da rua para uma janella
Estás palavras ouvi:
«Meus versos não são para ella...
Meus versos são para ti!...»

Que mudança fôra aquella
Que n'uma noite extranhei?!...
Seus versos não são p'ra ella?!...
P'ra quem?!... Não sabem?!... Eu sei!

Um D. João requestava
A Margarida galante
Com quem de noite fallava
Das dez horas em diante

E uma vizinha curiosa
Ao parapeito encostada
D'essa conversa amorosa
Nunca perdia pitada.

Chamava-se Anna, a vizinha
Que, livre de seus cuidados,
Toda a noite se entretinha
Vigiando os namorados

D. João era poeta!
Que lindos versos fazia!
E a tal vizinha indiscreta
Por versos se derretia.

Na noite, em que se passou
A descaroada scena,
O D. João recitou
Versos á sua pequena,

Poesia sentida, triste,
Poesia para chorar,
Poesia a que não resiste
Quem pudér no mundo amar!

E tal vizinha, de bruços,
Quando as trovas elle leu,
Irrompeu em mil soluços!...
E D. João estremeceu!..

O choro d'alma attrahiu
As vistas de D. João!...
E Margarida sentiu
Levarem-lhe o coração!

O luar dava de chapa
Sobre o rosto da vizinha,
E D. João solta a capa
Que num braço então sustinha.

E indo lesto, pressuroso,
Debaixo da outra janella,
Deixa em pranto doloroso
A sua primeira bella.

Ai!... d'uma outra Julietta,
D. João fez-se Romeu!
Pela vizinha indiscreta
A namorada esqueceu!

Eis finalmente narrada
A mudança que extranhei!...
A scena de-caroadada
Cuja causa eu procurei!

Qero dar-lhes um conselho
Formosas donzellas minhas:
O seguro morreu de velho...
Cautella com taes vizinhas!

Com taes vizinhas cautella...
Se não... o que eu ouvi:
«Meus versos não são p'ra ella...
Meus versos são para ti!»

ALEXANDRE DA COSTA

NOTICIAS

Comunica-nos o sr. Oscar Monteiro que abriu uma livraria á rua João Alfredo, 2-C, continuando com a distribuição de romances em fascículos.

Diz-nos mais que pôde attender aqualquer pedido do interior dispondo de um sortimento de livros escolares e romances mais que necessario para isso.

Os nossos parabens, e muitos bons negócios.

— *O Sonho* E este o titulo de uma interessante comedia em 3 actos, original do nosso amigo Antonio Fonseca, que teve a delicadeza de nos offerecer.

Quem desejar adquirir este trabalho do operoso moço, pôde dirigir-se á livraria de Oscar Monteiro, rua João Alfredo, 2-C. Custa apenas 2\$000 e é propria para theatros particulares.

Agradecemos o exemplar recebido.

Dialogo entre dois

—Oh! salve-te Deus!

—Amem!

—Como vai a litteratura?

—Vai muito mal.

—Sim? Pois olha, não é o que me informaram. Segundo ouvi a

mil e um jornaes em S. Paulo, entre revistas e jornalecos.

—Creio, mas o que não ha é quem os leia.

—Embora! Ha quem escreva, e isso basta.

—Muito bem! E o proprio que escreve, quasi sempre é o unico que lê?

—Ah! Lá isso é, principalmente um illustre escriptor que dá pelo nome de Cantinho, e que nunca devia sahir do canto onde a natureza o atirou, esse então é... immenso! Escreve para quanto jornaleco ha pelo interior.

—Recordo-me agora que vi uma carta delle em Falper a, quando por lá passei, na qual se offerecia para correspondente...

—Não o duvido. Tem a mania de ser correspondente de tudo. Qualquer dia funda uma empresa de correspondencia com os que teem a infelicidade de ir para o Araçá.

—Não o duvido. Antigamente, diziam que o Goulart era o unico escriptor mais fertil da Paulicéa, hoje, porém...

—Alto! Nada pôde haver de commum entre o Goulart e o Zé do Canto; Goulart prestou-se generosamente em tempos passados a ser correspondente de alguns jornaes, que insistiam em obter a sua collaboração, hoje, porém, Goulart tem um nome firmado, devido a seu incessante labor litterario, firmado e solido por tres mimosos livros, que publicou, e absolutamente não pôde servir de comparação com qualquer Canto que appareça!

—Perdôa, filho; a comparação que fiz não prejudicava Goulart, pelo contrario! Olha que o Cantinho...

—Qual Cantinho, nem meio Cantinho! Onde o teu Cantinho vae idealisar uma pagina como a *Celeste* de Goulart?

Lá isso...

—Por isso mesmo! A tua litteratura é uma droga; e sabes que mais? até outra vez.

—Até logo.

Livros escolares de diversos auctores. Romances, illustrados, poesias, modinhas, etc. Attende a pedidos do interior, podendo fornecer por atacado, com grandes abatimentos. Livraria de Oscar Monteiro, rua João Alfredo, 2-C.

O COISA...

Não sei se conhecem o Coisa?
Ah! que grande coisa é elle!
Elle não se chama assim, mas esse nome exquisito nasceu num dia em que teve a lembrança de fazer uma asneira.

Mas que asneira! Nunca o Zéquinha (é o nome d'elle) se viu tão apertado, nem fez um tão ridiculo papel com esse dia.

Era um dia de Carnaval. A brisa sussurrava... (perdão, julguei-me escrevendo um conto literario) As nuvens de serpentinas escureciam o espaço, e uma chuva de confettis atordoadora o enxame de solteiro nas jovens sem noivo, e velhas sem marido, que enchia as ruas da Paulicéa.

O Zéquinha tinha uma namorada, moça de vinte annos que já tinha dado o botãozinho a um estudante de direito. Mas, fóra essa extravagancia que era quasi desconhecida, era uma moça ás direitas. Seria, irreprehensivelmente séria, ganhava o pão nosso de cada dia, com o suor de seu rosto, isto é, com a agulha de custurar. Era modista.

A mãe, uma boa velhota, que estava perto dos sessenta e nove, pouco se importava com a filha. Contanto que houvesse pão...

Zéquinha, innocente ainda nas luctas do amor, soube que a não menos innocente Aurora, ia á cidade, em companhia da velhota, afim de vêr o prestito.

Foi a um bazar e comprou um dominó verde e branco. Mascara etc eil-o caminho da Cidade, em busca s ductora Aurora.

Chegando ao largo do Rozario, um grupo de dez ou doze mas carados, caminhavam em direcção da rua Quinze.

De repente, não se sabe como esse grupo começou a gritar, acompanhando as palavras com palmas:

—O' Coisa! O' Coisa! O'Coisal

(Continúa)

GARANTIMOS QUE...

Das ciuzas do Grupo Infantil dos Fenianos vae renascer o Grupo dos Engrossadores;

O Grupo Infantil fez um figurão na terça-feira de Carnaval;

Os seus carros são melhores e mais bonitos que os de certas s cidades...

O Arthur Martins é rapaz que tem dedo para estas coisas;

O Ricardo Junior ficou de escrever o *puff* e *niente*...

O Hugo, do Lavapés, vae abrir fallencia, visto estar a... nenhum;

O Antonio Fonseca ha de ser chrimado santo em vida, por causa de suas obras... catholicas;

O mesmo tem sido felicitad pela sua comedia—*O Sonho*;

Nós tambem lhes damos os nosos parabens;

O Dolivaes vae mandar edificar um *annexo* ao Hospicio, para proveito proprio, em caso de perigo...

A bicycleta.

Montada na bicycleta,
Pelo jardim, aos volteios,
A senhorita Anacleta
Fez elegantes meneios.

Alguns rapazes, por troça
Dão palmas e dizem—bravo!
Emquanto um delles *engrossa*
A moça atirandõ um çravo

Vai ella para apanhal-o.
Mas, o equilibrio perdendo,
De seu moderno *cavallo*
Um tombo levou, tremendo!

E cresce em todos o espanto
Ao verem no trambulhão,
A moça a ageitar se, enquanto
Nas calças mostra um rasgão

H. M. P.

Settas

Entre actritzes:

—Sabes? encontrei o visconde, que me deu uma coisa para te dar.

—O que foi?

—Advinha..

—Eu sei lá. Alguma pulseira, qualquer coisa de *chic*, como elle é capaz de comprar.

—Foi...

—Foi?...

—Foi um beijo...

Vae se representar uma peça, cuja acção se passa na Escocia.

A uma gentil actriz que fazia o *travesti* e que devia apparecer em scena vestida de montanhês perguntava-se:

—Já tens alguma coisa do teu fato?

—Já.

—O quê?

—As pernas nuas.

Um pianista notavel dizia uma velha beata:

—Não percebo como as senhoras pódem passar a vida a rezar por contas, a mastigar Padre Nossos! Sempre a mesma coisa, as mesmas palavras! Que monotonia!

—Que quer! são as nossas escalas!



COVA DOS OSSOS

I

O Hugo

Morreu o pobre Hugo!
Morreu este morcego!
Coitado! Foi verdugo
Do seu proprio emprego!

ZERO

Devem ser flechados

N'esta semana:

— Antonio Salerno;
— Benedicto Cardoso;
— Mario Batata;
— Ignacio R. de Castro;
— Benedicto Socó;
— Braulio da Silva;
— Antonio Desafinado;
— José Bemvindo Villa-Nova;
— Izidoro Lucio da Silva;

— João Cavalheiro;
— Benedicto dos Santos;
— Bento Caminha;
— Miguel Vitta;
— João Nano;
— Dr. Nuno A. Martins;
— Francisco Palladino;
— Januarío Naccarato;
— Damiano Picchinini;
— Nicoláu *Marrtins*;
— Martinho de Oliveira;
— Luiz Dechiara;
— Paulo da Silva;

— Dario R. de Moraes;
— Laurindo Diana
— José de Oliveira;
— João B. Jardim;
— Antonio Ferreira Junior;
— Abilio Rodrigues;
— Custodio José Leite;
— Segundo Michelazzi;
— Antonio Fernandez;
— Alíredo Coutinho;
— Augusto Bronze;
— João Baptista Endrizzi;
— Gabino Reis;

Agência de Publicações Ilustradas

E LIVRARIA

DE

✱ OSCAR MONTEIRO ✱

Compra-se e vende-se livros novos e usados

Distribuição de romances em fascículos

EM DISTRIBUIÇÃO—*Rocambolo*, em tomos de 128 pgs
2\$000 rs.

Rua João Alfredo, n. 2 C

S. Paulo

TYPOGRAPHIA PAULISTA

DE

SOLER & SALERNO

Acceptam-se qualquer trabalho perten-
cente a esta arte

Rua do Theatro n. 18

S. PAULO

(1) FOLHETIM d'A FLECHA

FLÔR DE AMÔR

Historia dividida em 5 capitulos

por

RICARDO JUNIOR

I

Açucena

Açucena! Como era linda a Açucena! Quantos e quantos pobres enamorados perseguiram a mimosa Açucena!

Formosa, e clara como a flôr donde lhe deram o nome, era a moça mais requestada do lugar.

Quantas pauladas se haviam trocado já, entre os rivaes, por causa daquelle pedacinho de rosto de madona!

E no entanto ella continuava impassivel, fria, inexoravel, ante tanto amor merecido, tanta dedicação expontanea!

Açucena era impenetravel! Pelo menos assim a consideravam alguns dos seus fervorosos adoradores.

Um dia appareceu na villa um joven doutor de direito, que acabára o seu curso, e vinha descarregar um pouco dos seus estudos para voltar á capital, e estabelecer-se de vez.

A familia recebeu-o de braços abertos, e em sua homenagem realisou um baile a que assistiu a flôr do logar.

Açucena, que era tambem uma flôr, e das mais estimada foi convidada.

Ahi conheceu então Armando, o joven doutor, e desde então uma sympathia mutua parecia unir esses dous corações

Oito dias depois da chegada de Armando este procurou um meio para vêr Açucena. Achou-o.

Um seu amigo ia visitar um viinho, na casa de quem qui-er

sempre estava a joven de rosto claro e olhos pretos...

—Acredite-me, minha senhora fui estudante, e durante os seis annos que surrei os bancos da Academia, encontrei muitas meças, pelo meu caminho, que me requestaram e que mereciam o amor de um homem sério. Nunca, porém, labios tão rosacos como os seus, Açucena,—murmurava o moço ajoelhando-se-lhe aos pés—rosto tão mimoso e lindo e olhos tão seductores puderam prender-me a alma, como me prenderam os seus, desde o momento que tive a felicidade de a vêr!

—Louco! disse com voz debil Açucena.—E é a voz do seu coração que falla? Consulte-o para saber se esse amor de oito dias, pôde ser um amor eterno, um amor digno de se offerecer a uma esposa?

